

# Sincretismo e migração. Notas a partir do pensamento de Afonso Maria Ligorio Soares *Syncretism and migration* *Notes from Afonso Maria Ligorio Soares' thinking*

Wagner Lopes Sanchez\*

O sincretismo é parte irrecusável da história dos encontros e desencontros entre o divino e o humano (Afonso Maria Ligorio Soares.)

**Resumo:** Nos últimos cinco anos, em decorrência do início da guerra civil síria em 2011, o fenômeno da migração está fazendo parte da preocupação de diversos setores da sociedade mundial. Na tensão entre ter que deixar sua terra de origem e partir para uma outra incerta, o ato de migrar é vivido pelos migrantes como uma ruptura com a sua história. O ponto de partida da reflexão realizada neste artigo é o pensamento do professor Afonso Maria Ligorio Soares. Suas pesquisas em torno do tema do sincretismo religioso deixaram uma contribuição peculiar para a teologia. O percurso do artigo contempla dois momentos: no primeiro momento analisa-se a categoria sincretismo no pensamento desse autor e, no segundo momento, examina-se a contribuição dessa categoria para a compreensão dos processos migratórios.

**Palavras-chaves:** religião, sincretismo religioso, migração, interface e rupturas.

**Abstract:** In the last five years, due to the beginning of the Syrian civil war in 2011, the phenomenon of migration have become part of the concern of various sectors in global society. In the tension between having to leave their homeland and go to an uncertain one, the act of migrating is experienced by migrants as a rupture with their history. The starting point of reflection carried out in this article is the thought of Professor Afonso Maria Ligorio Soares. His research about the religious syncretism theme left a specular contribution to theology. The course of the article includes two stages: at first analyzes the syncretism category inside

---

\* Wagner Lopes Sanchez é doutor em ciências sociais e professor no Programa de Estudos Pós-Graduados de Ciência da Religião, vinculado ao Departamento de Ciência da Religião, da PUCSP. É autor de artigos e livros publicados nas áreas de teologia e ciência da religião e um dos organizadores do *Dicionário do Concílio Vaticano II*, Paulus/Paulinas, 2015.

the author's thought; and secondly, examines the contribution of this category to the understanding of the migration processes.

**Keywords:** religion, religious syncretism, migration, interface and ruptures.

## Introdução

O autor com o qual vamos dialogar o tempo todo neste artigo, A. Soares,<sup>1</sup> falecido em 24/01/2016, era um teólogo e cientista da religião muito sensível às diferentes possibilidades de hibridismos do fenômeno religioso. Seu respeito profundo pelas religiões populares e pelas diferentes formas de aproximação, o levou a estudar o fenômeno do sincretismo a partir da teologia, reconhecendo “que o sincretismo é a revelação de Deus captada em seu ‘durante’, no momento mesmo em que está acontecendo...”<sup>2</sup>

Pretendemos refletir como a noção de sincretismo a partir do pensamento de A. Soares pode ajudar a pensar o fenômeno da migração na sua interface com a religião. Levando em conta as reflexões desse autor, partimos do pressuposto de que as práticas de sincretismos presentes entre os migrantes são mais frequentes do que se pensa e vão muito além do caráter de resistência cultural.

Entendemos que os fluxos migratórios, com o seu consequente desenraizamento cultural, levam as pessoas nessas condições a viverem situações de sincretização tanto da cultura em geral como da religião. Portanto, entender o sincretismo, nas suas diferentes formas, como uma prática corriqueira entre os migrantes, pode lançar uma luz para compreender o universo das pessoas que vivem nessas condições.

As pesquisas realizadas por A. Soares a partir da teologia podem lançar luz para entender positivamente a riqueza que está presente nas práticas sincréticas na trajetória do migrante.

## 1. O sincretismo no pensamento de A. Soares

O conceito de sincretismo é muito controverso no âmbito das ciências sociais. As diferentes posições vão desde aquelas que sustentam que o sincretismo foi – e ainda é – um instrumento de resistência passando pela ideia de que é expressão de controle da religião dominante sobre povos dominados, sobretudo indígenas e afros, até chegar à posição que reconhece esse fenômeno como um dado positivo

---

<sup>1</sup> De ora em diante, utilizaremos a expressão A. Soares para nos referir ao autor que é objeto deste artigo.

<sup>2</sup> A. M. L. SOARES, O sincretismo à luz de uma teologia interconfessional: algumas notas preliminares, p.240.

de construção religiosa. É importante ressaltar que no Brasil, em todas essas posições, frequentemente quando se fala em sincretismo refere-se às sínteses feitas entre catolicismo e religiões de origem africana.

No âmbito do cristianismo, o sincretismo, de maneira geral, foi visto de forma pejorativa e como um perigo. No âmbito das religiões populares, os seus praticantes não se perguntam sobre esse fenômeno e sobre o seu valor; simplesmente fazem sincretismo apontando que é da forma como se apresenta que este fenômeno dá sentido à vida das pessoas. As religiões populares são capazes de incorporar elementos religiosos diversos e dão aos seus membros sentido e capacidade para entenderem o mundo e organizarem suas vidas.

Entre rejeição e aceitação, o sincretismo se reinventa para dar coerência – nem sempre reconhecida pelas religiões estabelecidas – às leituras do mundo realizadas pelas pessoas. A teologia tradicional cristã não dá conta de compreender positivamente esse fenômeno por ficar entre a atitude de indiferença ou de negação.

O tema sincretismo foi uma das preocupações teóricas constantes de A. Soares desde o início da década de 90, do século passado, quando foi convidado por Antonio Aparecido da Silva – padre Toninho – para participar do Grupo Atabaque de Teologia e Cultura Negra.<sup>3</sup> O seu olhar sobre esse fenômeno procurou avançar para além da necessidade de compreendê-lo e procurou reconhecer a sua legitimidade. O seu olhar considerou o sincretismo antes de tudo como uma realidade com densidade teológica.

### *O sincretismo visto de forma desapaixonada*

O viés a partir do qual A. Soares compreendeu o fenômeno do sincretismo era o de “reconhecer o sincretismo *de fato*, procurando estudar sua lógica interna”.<sup>4</sup> É o que ele denominava de *abordagem desapaixonada*: “o primeiro benefício desapaixonado dessa abordagem desapaixonada é driblar inevitáveis confusões, graças à identificação de níveis distintos na própria acepção do conceito, que revelam, diferentes graus de aproximação e de troca entre sistemas culturais”.<sup>5</sup>

É necessário estudar o sincretismo da forma como ele se dá, seus valores e suas ambivalências, para só depois fazer uma avaliação teológica a respeito:

<sup>3</sup> Cf. A. M. L. SOARES, Memorial para a obtenção do título de Livre Docente em Teologia em 2009, no Departamento de Teologia e Ciências da Religião, da PUC-SP. Sua tese de doutorado publicada posteriormente – *Interfaces da Revelação*, Pressupostos para uma teologia do sincretismo religioso no Brasil – sistematizou as suas preocupações em torno do tema.

<sup>4</sup> A. M. L. SOARES, O sincretismo à luz de uma teologia interconfessional: algumas notas preliminares, p. 246. O itálico é do próprio A. Soares.

<sup>5</sup> A. M. L. SOARES, O sincretismo à luz de uma teologia interconfessional: algumas notas preliminares, p. 246.

“Trata-se, em primeiro lugar, de reconhecer o sincretismo de *fato*; só depois pode ter algum sentido a pergunta sobre o que poderíamos aprender *teologicamente* desse dado real”.<sup>6</sup> Para esse reconhecimento do sincretismo de fato, A. Soares propõe a utilização do instrumental da ciência da religião que possibilita compreender a dinâmica interna do fenômeno sem cair nos riscos de examinar essas práticas religiosas com ingenuidade ou com preconceitos.<sup>7</sup> Aqui o nosso autor, propõe um diálogo entre a teologia e a ciência da religião. Ou melhor, ele que o teólogo utilize a mediação da própria ciência da religião para se aproximar do fenômeno e compreendê-lo como um conjunto de conexões interculturais e inter-religiosas que são expressões de vivências religiosas fundamentais para as pessoas.

O que está em jogo aqui é o ponto de partida para estudar essas práticas religiosas. É necessário vê-las como um dado presente no mundo da religião e que faz parte dos esforços realizados pelas pessoas para significar/ressignificar suas existências. Essa significação/ ressignificação se dão no entrecruzamento de visões e percepções de diferentes perspectivas religiosas.

### ***O sincretismo como uma crítica às “escleroses dogmatistas”***

Na visão de A. Soares, as práticas sincréticas poderiam servir como “teràpêutica para certas escleroses dogmatistas”<sup>8</sup> que são incapazes de perceber valores positivos nessas práticas. Ou seja, o sincretismo pode contribuir para criticar certas posturas presentes nas religiões instituídas que desclassificam essas práticas entendendo-as como uma contaminação.

Ao mesmo tempo, um esforço sincero para compreender o sincretismo possibilita às religiões uma compreensão mais crítica dos seus próprios valores, símbolos e crenças como resultado de caminhos sincréticos. Nenhuma religião nasce de um “ponto zero” e livre de influências; toda religião é convergência de diversos universos religiosos.

Falando do cristianismo, Boff, no seu livro *Igreja: Carisma e Poder. Ensaios de eclesiologia militante*, chega a afirmar que este é “um grandioso sincretismo”.<sup>9</sup> Para esse autor, “o sincretismo, portanto, não constitui um mal necessário nem representa uma patologia da religião pura. É sua normalidade como momento de encarnação, expressão e objetivação de uma fé ou experiência religiosa”.<sup>10</sup> Desta

---

<sup>6</sup> A. M. L. SOARES, Valor teológico do sincretismo numa perspectiva pluralista, p. 120. Itálico do próprio A. Soares.

<sup>7</sup> A. M. L. SOARES, O sincretismo à luz de uma teologia interconfessional: algumas notas preliminares, p. p. 246.

<sup>8</sup> A. M. L. SOARES, O sincretismo à luz de uma teologia interconfessional: algumas notas preliminares, p. 248.

<sup>9</sup> L. BOFF, *Igreja: Carisma e Poder. Ensaios de eclesiologia militante*, p. 149.

<sup>10</sup> L. BOFF, *Igreja: Carisma e Poder. Ensaios de eclesiologia militante*, p. 151.

forma, toda religião é sincrética e ter em conta essa realidade é um pressuposto para compreender o fenômeno do sincretismo em sua positividade.

Considerando que o fenômeno do sincretismo está presente no interior das próprias religiões já que é parte intrínseca da sua constituição, é necessário olhar o sincretismo como um dado e como um componente das próprias religiões e não como algo estranho a elas. Ao rejeitar as práticas religiosas sincréticas, as religiões rejeitam partes de si mesmas e perdem a chance de valorizarem práticas oriundas da sabedoria popular.

O abandono das posições dogmáticas por parte das religiões é uma necessidade para uma compreensão mais aberta e respeitosa desse fenômeno e, por que não dizer, é uma exigência para se autovalorizarem e redescobrirem seus valores e a sua capacidade de renovação.

### *Fé sincrética*

A. Soares cria um novo conceito para falar da realidade do sincretismo: fé sincrética. Para ele a fé sincrética é o “concretizar-se da fé”.<sup>11</sup> Ou seja, para A. Soares toda fé religiosa ao expressar-se o faz de forma sincrética. E da mesma forma que não existe religião em estado puro, como vimos acima, o nosso autor acrescenta que “não existe fé em estado puro: ela se mostra na práxis”.<sup>12</sup>

Esse conceito tem consequências para a reflexão sobre as religiões já que supõe o reconhecimento de que Deus está presente nas diversas expressões religiosas independentemente de qualquer outra mensagem religiosa: “quando afirmo a fé sincrética, saliento que a auto comunicação divina já está agindo nas várias tradições culturais antes do, contra ou mesmo apesar do contato com as comunidades de origem – no caso ocidental, as cristãs”.<sup>13</sup> Nesta perspectiva, poderíamos dizer que, de acordo com essa perspectiva, Deus se revela de forma difusa nas diferentes expressões religiosas.

Essa *fé sincrética* permite reconhecer que, sendo a revelação de Deus na história uma experiência de amor, “as experiências sincréticas, apesar das inevitáveis ambiguidades que acompanham qualquer biografia ou processo histórico, são também *variações de uma experiência de amor*”.<sup>14</sup>

### *O sincretismo é a revelação de Deus em ato*

Essa afirmação é apresentada como uma tese geral por A. Soares no texto Valor teológico do sincretismo numa perspectiva pluralista: “o sincretismo é

<sup>11</sup> A.M. L. SOARES, O sincretismo à luz de uma teologia interconfessional: algumas notas preliminares, p. 249.

<sup>12</sup> A.M. L. SOARES, O sincretismo à luz de uma teologia interconfessional: algumas notas preliminares, p. 249.

<sup>13</sup> A.M. L. SOARES, O sincretismo à luz de uma teologia interconfessional: algumas notas preliminares, p. 249.

<sup>14</sup> A.M. L. SOARES, O sincretismo à luz de uma teologia interconfessional: algumas notas preliminares, p. 250.

a revelação de Deus em ato, pois não há outro jeito de acedermos ao mistério senão paulatinamente, de forma fragmentada, entre avanços e retrocessos, luzes e penumbra”.<sup>15</sup> Num subtítulo desse mesmo texto, A. Soares afirma que “uma experiência híbrida pode muito bem sinalizar o desígnio de se auto comunicar”.<sup>16</sup>

Se o Espírito sopra onde quer, como suscita o texto bíblico (Jo 3,8), Deus se revela de forma difusa no mundo inclusive nas experiências religiosas marcadas pelo sincretismo. Discernir a ação de Deus na história é tarefa da teologia. Ao teólogo cabe ter os “ouvidos” atentos para perceber que Deus não atua apenas em lugares predeterminados por uma ou outra religião.

## 2. Religião e migração

O migrante vive uma condição provisória no lugar onde está. Ele deixou sua terra em busca de uma nova terra, de uma nova vida. Ele é uma pessoa em movimento que saiu de sua terra, distanciou-se de sua gente, movido pela esperança de uma vida melhor mas sonha em retornar. O sonho do retorno à sua terra faz parte de sua condição: “o retorno é naturalmente o desejo e o sonho de todos os migrantes, é como recuperar a visão, a luz que falta ao cego, mas como cego, eles sabem que esta é uma operação impossível”.<sup>17</sup>

O sonho com o retorno – às vezes difícil de ser realizado – permite ao migrante iluminar o seu movimento no novo lugar em que vive. O seu novo lugar é, na perspectiva do retorno, sempre provisório e a sua adaptação às novas condições é uma necessidade para viver da forma melhor possível.

O migrante vive uma tensão entre ter que sair e não querer sair de sua terra. Nessa tensão, ele vive um movimento titubeante em busca de outro mundo possível. Se o retorno é, como diz Sayad, um constituinte antropológico do migrante, o movimento é a sua dinâmica. Deixar sua gente, sua cultura, sua terra, seus pertences... é um movimento doloroso de ruptura, de abandono, de renúncia.

Esse movimento de ida é vulnerável. A fragilidade está presente em todos os lugares por onde o migrante passa. O seu caminho é frágil e dependente das circunstâncias por onde anda. Por isso, ele sempre está em busca de segurança, mesmo que com os olhos no futuro, no retorno, e quer um mínimo de enraizamento, de vínculos com os lugares e com pessoas, mesmo tendo vivido uma situação de desenraizamento radical ao se distanciar do lugar, das pessoas e da cultura onde vivia. O migrante vive na fronteira geográfica, cultural e simbólica, e, por

<sup>15</sup> A. M. L. SOARES, Valor teológico do sincretismo numa perspectiva pluralista, p. 113.

<sup>16</sup> A. M. L. SOARES, Valor teológico do sincretismo numa perspectiva pluralista, p. 127.

<sup>17</sup> A. Sayad, O retorno. Elemento constitutivo da condição do imigrante, p. 11.

isso, vive na insegurança: “o migrante é aquele que habita o espaço indefinido da fronteira. Ali, ele não é mais cidadão do país de origem e ainda não é cidadão do país de destino”.<sup>18</sup>

Essa “condição de fronteira” do migrante se manifesta na rejeição e na hostilidade. Ao mesmo tempo em que é desejado, por ser mão-de-obra barata e em grande quantidade, é indesejado por ser visto como ameaça. Contraditoriamente, o migrante carrega em seu em sua vida a dor e a exclusão, mas, ao mesmo tempo, traz a esperança de outro mundo melhor.

A insegurança e a incerteza de sua existência são expressão da dinâmica do movimento do migrante. Uma expressão utilizada por A. Soares para referir-se ao povo negro é útil para entender o que estamos falando aqui: aqueles que migram vivem numa condição de exílio permanente. Sayad expressa bem essa condição apresentando-a como “um dos numerosos paradoxos da imigração: ausente onde está presente e presente onde está ausente”.<sup>19</sup>

No lugar onde se fixará, precisará de redes de segurança que lhe permitam reconstruir a vida com os desafios da nova sociabilidade e sair, minimamente, da sua condição marginal na nova sociedade. São redes de amigos vindos do mesmo lugar, são redes religiosas que reúnem pessoas com a mesma identidade cultural. No nível micro da comunidade, ele poderá se sentir acolhido, compreendido, respeitado. Do ponto de vista psicológico, para o migrante, “encontrar-se em um espaço que a pessoa sente como seu e onde pode partilhar com outros a mesma identidade cultural tem consequências também para a sua afirmação pessoal”.<sup>20</sup>

É nesse quadro do sonho do retorno, do movimento constante e da percepção da condição de exilado, que a religião apresenta-se ao migrante como uma *interface* no trajeto migratório. Ou seja, na sua relação com o novo lugar, com a nova gente e com a nova cultura, a religião apresenta-se como uma das alternativas – uma interface – para mediar a construção de novos vínculos e novos sentidos existenciais. Através da religião ele conhece o novo lugar e a nova cultura; através da religião, ele amplia as suas relações e a dor de sua condição de migrante é mitigada. Pesquisas empíricas têm revelado que para as pessoas na condição de migração a religião se constitui num espaço simbólico, afetivo e de sociabilidade que permite vivenciar essa condição com menos sofrimento.<sup>21</sup> Neste caso, a religião possibilita ao migrante reconstruir o seu mundo mesmo que em outro lugar e com outras pessoas.

<sup>18</sup> Cf. A. J. GONÇALVES, *Imigrantes no Brasil*, p. 99. Gonçalves insiste que nessa condição de fronteira: “o migrante habita a fronteira de dois mundos ou duas civilizações: de um lado, uma ordem mundial simultaneamente concentradora e excludente; de outro, o sonho de um outro mundo possível” (p. 100).

<sup>19</sup> A. SAYAD, *O retorno. Elemento constitutivo da condição do imigrante*, p. 20.

<sup>20</sup> L. RIBEIRO, *Religião vivida no processo migratório*, 13.

<sup>21</sup> L. RIBEIRO, *Religião vivida no processo migratório*, p. 13.

A interface religiosa tem, portanto, um papel fundamental na vida do migrante: na tensão entre a dor da ruptura e o desejo de reconstruir a vida, a religião permite a ele refazer o seu quadro referencial e minimizar o sofrimento. Nessa situação é que se percebe a importância de referenciais religiosos que possam dar sentido e significado para a existência humana.

Como todo sistema religioso é aberto e dinâmico, nessa busca por sentido para tornar a vida no lugar minimamente aceitável, a condição do migrante dá a ele liberdade para ressignificar o seu referencial religioso. Essa ressignificação se pode dar tanto na inserção em espaços religiosos dentro da sua tradição religiosa ou próximos a ela. Do ponto de vista do migrante, os lugares “com maior fluxo migratório podem funcionar como palco para um intenso intercâmbio cultural, ampliando a liberdade do indivíduo na escolha dos bens culturais que mais lhe interessam”.<sup>22</sup> Se o espaço religioso permite ao migrante garantir a sua identidade – mesmo que em outra religião – o fato dele ter à sua disposição um leque maior de expressões religiosas, aumenta suas possibilidades de arranjos religiosos.

Independente dos discursos construídos pelas religiões sobre o ato de migrar para dar significado à própria migração, é preciso reconhecer que elas, de modo geral, têm um tesouro de crenças, mitos, símbolos e ritos que ajudam as pessoas em condição de migração a reorganizarem a sua existência. Ou seja, as religiões podem dar sentido ao processo migratório em si – o movimento de saída de sua terra e de entrada numa nova terra – mas também podem dar sentido à vida a ser construída no novo lugar.

A breve reflexão feita até aqui, demonstra que é difícil separar migração e religião tanto pelas raízes culturais de cada povo como pela resistência que a religião pode oferecer às pessoas.

### **3. Sincretismo e migração**

Um dos últimos textos escritos por A. Soares sobre sincretismo (Sincretismo e resistência entre os migrantes: alguns casos que dão o que pensar), e que será publicado no livro *Mobilidade humana e identidade religiosa*, ainda neste ano, trata justamente do tema deste artigo: as relações entre sincretismo religioso e migração. Neste artigo o nosso autor parte do pressuposto de que em tempos de globalização, os processos migratórios promovem desenraizamentos religiosos que, por vezes, voltam em surtos fundamentalistas.

É no contexto da globalização e do “mercado” da fé, que A. Soares situa a sua reflexão em torno das relações entre religião e migração. Para o autor tanto os

---

<sup>22</sup>C. R. JACOB, *Religião e sociedade em capitais brasileiras*, pp. 127-128.

processos migratórios atuais como também as expressões religiosas que os acompanham, estão condicionados pela globalização.

Nas relações entre migração e religião, podemos pensar em três alternativas que podem se colocar diante do migrante. Na primeira, a sua religião é transposta para o lugar onde ele busca reconstruir a sua vida; neste caso a religião procura manter-se fiel às suas raízes sendo a garantidora de suas tradições. No novo lugar a sua religião já está presente e ele é acolhido pela sua comunidade religiosa; ou então, no trajeto migratório os elementos fundamentais da sua religião são transpostos: lideranças religiosas, símbolos, ritos etc. Nessa primeira alternativa, a religião pode ser vista como algo fixo e que serve para manter a identidade cultural. Na segunda alternativa, quando não é possível viver a sua religião de origem no novo lugar, o migrante procura entre as religiões existentes aquela ou aquelas que estão mais próximas de sua tradição. Na terceira alternativa, o migrante leva para o novo lugar elementos de sua religião – crenças, mitos, símbolos e ritos – mas se abre para incorporar elementos que já estão presentes na nova cultura onde vai se enraizar num caminho de diálogo. Neste caso, a religião se abre para incluir em seu universo elementos diversos que, na visão daqueles que a praticam, se adequa ao universo religioso.

Considerando que todo sistema religioso é aberto e dinâmico, como já foi dito acima, os três modelos acima mostram que o processo migratório leva o migrante a viver uma outra tensão, que se acrescenta à tensão própria do migrar. Essa tensão diz respeito à religião: manter a sua tradição religiosa ou adaptar-se às configurações religiosas presentes no novo lugar.

É nesse contexto que o sincretismo religioso se apresenta como uma alternativa para o migrante sobreviver culturalmente nas novas condições de vida. Ao mesmo tempo em que o migrante vive elementos de sua experiência religiosa tradicional, ele incorpora aqueles que entendem se aproximarem ou se adequarem ao seu quadro de referência religiosa. E isso se pode dar de diversas formas inclusive na dupla filiação religiosa. Os casos analisados por A. Soares no texto indicado acima mostram a riqueza da experiência religiosa do migrante que adapta, de diversas formas, o seu referencial religioso.

A seguir apresento alguns ingredientes do sincretismo, que a partir da compreensão de A. Soares, podem ajudar a compreender essa vivência religiosa dos migrantes.

### ***O sincretismo como um continuum das fronteiras religiosas***

O ato de migrar é dilacerante para aquele que o vive. Para enfrentar os diversos desafios na nova terra, a religião é o lugar que lhe dá segurança e alimento para sobreviver.

Podemos afirmar que toda sincretização dá-se num continuum entre as experiências religiosas vividas nesses processos. As pessoas que vivem o sincretismo aproximam aqueles elementos que são comuns e dão aos elementos díspares uma nova abordagem de tal forma que ganham coerência no conjunto das práticas religiosas. Na sincretização realizada pelos migrantes, há um certo continuum entre a sua expressão religiosa de origem e as demais com as quais estabelece um diálogo. É como se as fronteiras entre as diferentes expressões fossem diluídas. Enquanto que nas fronteiras geográficas, o migrante é um não-cidadão, no mundo da religião ele tem cidadania; se nas primeiras fronteiras, ele não tem lugar ou só tem lugar como mão-de-obra barata, no mundo da religião, ele pode ser o sujeito.

É o caso apresentado por A. Soares da população hindu feminina na região metropolitana de Lisboa que no culto doméstico dessas mulheres incorporam elementos do cristianismo do catolicismo. Recorrendo a uma pesquisa feita por Helena Maurício Sant'Ana<sup>23</sup> junto a essas mulheres, A. Soares nos informa que nessas práticas encontram-se elementos da iconografia cristã e da devoção mariana.

É esse continuum presente no sincretismo dos migrantes que permite a eles fazer da religião uma interface com a realidade social. O sincretismo é, justamente, a possibilidade encontrada de estabelecer, simbolicamente, relações com o mundo e com as pessoas nas novas condições de vida.

Nas práticas sincréticas está o pressuposto de que, por causa desse continuum, pode acontecer a junção de elementos religiosos e também a alternância entre eles como se dá no caso da dupla filiação religiosa. De qualquer forma, nessas práticas as fronteiras são diluídas ou quase não existem.

Para os migrantes, o sincretismo não é só uma forma de resistência, mas também uma forma de redefinição de configurações religiosas onde ele utiliza aqueles elementos que o ajudam a explicar o mundo e a viver nele. Nesses processos de sincretização, os migrantes têm cidadania e são capazes de decidir os bens religiosos a serem utilizados e de dar a eles o significado que lhe permitem viver.

### ***O sincretismo como espaço de liberdade religiosa do migrante***

No novo lugar, a condição do migrante é de vulnerabilidade tanto do ponto de vista econômico como do ponto de vista político e das relações sociais. A religião torna-se para ele espaço de segurança para se contrapor à fragilidade da vida do seu novo lugar.

Nas sociedades onde há um maior fluxo migratório, a possibilidade de intercâmbio cultural é muito maior. Nesse caso, abre ao migrante um leque maior de opções religiosas para que ele possa compor o seu receituário cultural e religioso a partir de suas necessidades.

---

<sup>23</sup>H. M. SANT'ANA, *Migrantes hindus em Portugal: trajectos, margens e poderes*. (Tese de doutorado em sociologia).

É no espaço religioso que ele pode se sentir livre das amarras das condições da sociedade para onde se dirigiu. As práticas sincréticas são expressão dessa liberdade religiosa. Ele pode transitar entre as diferentes expressões religiosas ao seu modo, fazendo os arranjos que compreender mais adequados. O sincretismo permite esse movimento entre as diferentes expressões religiosas.

Se, de modo geral, os quadros das religiões estabelecidas não dão às pessoas a sensação de liberdade e de movimento, o sincretismo tem essa dinâmica. Se do ponto de vista dessas religiões, o sincretismo é rejeitado sob a afirmação genérica de ser um desvio da conduta religiosa, para quem o pratica ele é visto como legítimo. Tanto no processo que reúne elementos religiosos de origens diversas numa mesma prática religiosa, como na frequência simultânea a dois ou mais espaços religiosos aparentemente distintos, para as pessoas que vivem essas práticas – e assim também com os migrantes – as mesmas são consideradas normais.

### ***O sincretismo como negação da ruptura***

A condição vivida pelo migrante insere em sua existência uma ruptura que dificilmente pode ser contornada. Se ao longo da vida humana vivemos constantes rupturas, no processo migratório algumas delas deixam marcas para toda a sua vida.

O sincretismo possibilita ao migrante lidar, no âmbito do universo religioso, com essas rupturas. Nas experiências de sincretismo religioso, as rupturas entre os diferentes conteúdos religiosos quase não existem. É possível afirmar que a vivência sincrética onde as distinções entre os diferentes universos religiosos são muito tênues pode favorecer, no âmbito da metáfora, condições para conviver com a ruptura.

Para o migrante, o fato de incorporar ao seu universo religioso elementos de outros referenciais religiosos não significa romper com o primeiro. E mesmo quando acontece uma ruptura para abraçar uma nova religião, ele carrega elementos da sua religião de origem já que o sincretismo se expressa nas mais diferentes configurações.

Na experiência religiosa sincrética, o migrante nega as rupturas provocadas pelo percurso da migração fazendo novas sínteses e construindo novos percursos religiosos.

### **Considerações provisórias**

A reflexão realizada por A. Soares visando construir uma teologia do sincretismo religioso no Brasil tem *insights* que, como vimos, pode contribuir com os estudos sobre migração. Tendo como foco o sincretismo afro-católico, o seu olhar procura apreender a lógica interna dessa experiência fazendo dela uma avaliação positiva diferentemente do que fazem muitas religiões.

A sua abordagem do sincretismo como uma fé sincrética descortina uma análise que procura captar essa experiência religiosa no seu nascedouro: a fé dos praticantes. Nesse sentido, de acordo com o seu pensamento, práticas religiosas sincréticas só existem por que existe fé sincrética que lhe dá fundamento.

A dinâmica do movimento dos processos migratórios propicia a realização de práticas sincréticas. O espaço religioso é o contexto em que o migrante consegue dar sentido à sua trajetória. Se as fronteiras geográficas são rígidas, as fronteiras entre as religiões são muito tênues ou, na visão de quem vive essa experiência, não existem. A complexidade da interface religiosa da migração só pode ser enfrentada com uma categoria complexa como é a desenvolvida por A. Soares.

A partir dos *insights* desse autor procuramos apresentar algumas notas sobre a relação sincretismo-migração. Evidentemente, elas necessitam ser confrontadas com pesquisas empíricas para terem sua validade reconhecida.

A teologia e a ciência da religião, no Brasil, muito devem a A. Soares: sua perspectiva sobre as religiões populares, sobretudo na sua vertente sincrética, possibilita diversos vínculos teóricos e valoriza essas experiências religiosas normalmente consideradas como marginais pelas religiões. Nestes tempos em que o fenômeno da migração “salta” a nossos olhos e exige de nós mais do que gestos de solidariedade, a perspectiva proposta pelo nosso autor leva-nos a reconhecer as implicações do tema.

O desafio enfrentado neste texto foi a articulação entre migração e sincretismo religioso. A resposta a esse desafio não tem apenas um interesse intelectual. Tem implicações políticas que estão relacionadas com as estratégias necessárias para acolher essas pessoas da forma mais humana possível e de construir com elas sociedades mais justas.

Por fim, quero deixar registrado aqui a minha admiração pela pessoa humana, pelo pesquisador e pelo amigo que foi Afonso Maria Ligorio Soares. O percurso que fiz neste texto me levou a retomar as leituras de sua obra que há muito havia percorrido: tive a oportunidade de acompanhar um mestre que se fazia escutante interessado das manifestações religiosas populares. Seus estudos sobre sincretismo religioso podem abrir os nossos olhos para olhar os migrantes com um olhar mais generoso e desafiador.

E fica a recomendação de A. Soares:

Respostas terão de ser buscadas seja pelos estudiosos das migrações seja pelos cientistas da religião. Mas certamente será preciso se deter muito mais cuidadosamente nas respostas que, no cotidiano, os protagonistas dos movimentos migratórios estão dando à necessidade de intercambiarem seus bens simbólicos.<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup>A. M. L. SOARES, Sincretismo e resistências entre os Migrantes: alguns casos que dão o que pensar.

## Referências bibliográficas

- BOFF, L. *Igreja: Carisma e Poder*. Ensaios de eclesiologia militante. Petrópolis: Vozes, 1981.
- GONÇALVES, A. J. Imigrantes no Brasil. In: FÓRUM SOCIAL DAS MIGRAÇÕES/SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES (orgs.). *Travessias na de\$ordem global*. São Paulo: Paulinas, 2005, pp. 91-104.
- JACOB, C. R. et al. *Religião e Sociedade em Capitais Brasileiras*. Rio de Janeiro-São Paulo-Brasília: Ed. PUCRio-Loyola-CNBB, 2006.
- RIBEIRO, L. Religião vivida no processo migratório. Texto apresentado na Ford Foundation Conference - "Latinos in Florida: Lived Religion, Space, and Power". Guatemala, 2005. (paper). In: [www.iserassessoria.org.br/novo/arqsupload/130.doc](http://www.iserassessoria.org.br/novo/arqsupload/130.doc). Acesso em 05/04/2016.
- SAYAD, A. *O retorno*. Elemento constitutivo da condição do imigrante. In: Revista do Migrante. Número especial. Ano XIII. São Paulo: CEM, 2000.
- SOARES, A. M. L. Sincretismo e resistências entre os Migrantes: alguns casos que dão o que pensar. In: BAGGIO, F., PARISE, P. e SANCHEZ, W. L. (orgs.). *Mobilidade humana e identidades religiosas*. São Paulo: Paulus, 2016. (no prelo).
- \_\_\_\_\_. Sincretismo afro-católico no Brasil: lições de um povo em exílio. In: *Revista Rever Estudos da Religião* nº 3/2002. São Paulo: PUC-SP, 2002, pp. 45-75. ([http://www.pucsp.br/rever/rv3\\_2002/p\\_soares.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv3_2002/p_soares.pdf))
- \_\_\_\_\_. *Interfaces da Revelação, Pressupostos para uma teologia do sincretismo religioso no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- \_\_\_\_\_. Valor teológico do sincretismo numa perspectiva pluralista. In: VIGIL, J. M., TOMITA, L. E. e BARROS, M. *Teologia pluralista libertadora intercontinental*. São Paulo: ASETT-Paulinas, 2007, pp. 113-136.
- \_\_\_\_\_. O sincretismo à luz de uma teologia interconfessional: algumas notas preliminares. In: VIGIL, J. M. (org.). *Por uma teologia planetária*. São Paulo: ASETT-Paulinas, 2011, pp. 239-252.
- \_\_\_\_\_. Sincretismo e Resistências entre os Migrantes: alguns casos que dão o que pensar. In: BAGGIO, F., PARISE, P. e SANCHEZ, W. L. (orgs.). *Mobilidade humana e identidades religiosas*. São Paulo: Paulus, 2016. (no prelo).

Recebido: 15/03/2016

Aprovado: 25/03/2016